

A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S678	<p>A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-863-2 DOI 10.22533/at.ed.632192312</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Comportamento humano. 3. Desenvolvimento humano. 4 Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Machado, Maria Izabel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2* nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, razão pela qual os capítulos que seguem estão organizados por afinidade temática e/ou metodológica.

O primeiro eixo nos permite compreender as questões acerca do desenvolvimento humano desde a perspectiva da infância. Seja em espaços urbanos ou rurais, no campo ou na cidade, as crianças ganham centralidade nas análises desde seus saberes, redes, brincadeiras e subversões.

Das fricções entre o urbano e o rural que também colocam em tensão saberes técnicos e locais somos convidados a pensar abordagens sociológicas para os desastres ambientais que deem conta da complexidade em que se imbricam interesses econômicos, defesa do meio ambiente e a vida das populações atingidas pelos desastres.

O terceiro e último bloco de capítulos oportuniza tanto o acesso a temas atuais da sociologia como as migrações e os choques culturais decorrentes desses processos, quanto um apanhado metodológico que envolve diversos caminhos e técnicas de pesquisa, sejam elas centradas nos sujeitos ou nas estruturas e processos sociais de acumulação de poder e capital.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO URBANO E DO RURAL	
Gerson Luiz Buczenko	
Maria Arlete Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923121	
CAPÍTULO 2	12
TRANSPORTE ESCOLAR E INFÂNCIA DO CAMPO: AS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS DE UMA ESCOLA NO RIO UAICURAPÁ/ PARINTINS - AMAZONAS	
Kilsimara Nascimento Ribeiro	
Gyane Karol Santana Leal	
Rosaria Jordão Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.6321923122	
CAPÍTULO 3	23
SUBVERSÕES DO BRINCAR: DISPOSITIVOS NA INFÂNCIA FRENTE AS NORMATIZAÇÕES INSTITUCIONAIS	
Giovana Glaucia Fernandes	
Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta	
Rafael Delaguardia Felix	
Ricardo Lopes Correia	
DOI 10.22533/at.ed.6321923123	
CAPÍTULO 4	34
EPISTEMOLOGIAS DO SUL: INFÂNCIAS E CANDOMBLÉ NA CIDADE DE SÃO PAULO EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA ARTEIRA	
Ellen Gonzaga Lima Souza	
Gabriela Tebet	
Antônio Paulino de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6321923124	
CAPÍTULO 5	43
O BAIRRO A PARTIR DE UM PASSEIO DE ÔNIBUS: EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS E SOBRE A INFÂNCIA NO ESPAÇO URBANO	
Zuleica Pretto	
DOI 10.22533/at.ed.6321923125	
CAPÍTULO 6	56
O LUGAR SOCIAL DA CRIANÇA RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA MARAJOARA	
Simeir Santos Andrade	
Magali dos Reis	
Laura Maria Silva Araújo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6321923126	
CAPÍTULO 7	67
PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E SABER LOCAL NA GESTÃO DO DESASTRE DA REGIÃO SERRANA (RJ): UM ESTUDO DE CASO	
Maria Suellen Timoteo Correa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923127	

CAPÍTULO 8	79
REPARAÇÃO DE DANOS NO DESASTRE DO RIO DOCE, PARTICIPAÇÃO E ATORES SOCIAIS	
Aloisio Ruscheinsky Manoella Treis	
DOI 10.22533/at.ed.6321923128	
CAPÍTULO 9	92
A CENTRALIDADE DAS RELAÇÕES NO COTIDIANO DE UMA INSTITUIÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Alessa Cristina Pereira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6321923129	
CAPÍTULO 10	105
MIGRAÇÕES INTERNAS E A EMERGÊNCIA DE DISPUTAS SIMBÓLICAS NO RIO GRANDE DO SUL	
Pedro Francisco Marchioro Talita Cristine Rugeri Lorena del Pilar Pereda Cordova	
DOI 10.22533/at.ed.63219231210	
CAPÍTULO 11	118
ANÁLISE DE QUESTÕES DE SOCIOLOGIA DO ENEM (2015): REFLEXÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E POLÍTICAS	
Ozaias Antônio Batista Maria Genilda Marques Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.63219231211	
CAPÍTULO 12	134
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES): PROSOPOGRAFIA E CONEXÕES POLÍTICO-FAMILIARES	
Mônica Helena Harrich Silva Goulart Ricardo Costa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.63219231212	
CAPÍTULO 13	152
PALMYRA WANDERLEY NA REVISTA VIA-LÁCTEA DE 1914-1915: ESCRITA E POESIA NA EDUCAÇÃO DA MULHER POTIGUAR	
Maria Joseane Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.63219231213	
CAPÍTULO 14	164
A CULTURA CONSERVADORA DE GUARAPUAVA, FRENTE AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E TECNOLÓGICO	
Marco Aurélio Silva Antonio Costa Gomes Filho	
DOI 10.22533/at.ed.63219231214	

CAPÍTULO 15	175
A SOCIEDADE DE MERCADO NO SÉCULO XXI E SEUS DESAFIOS: TRABALHO, PRODUTIVIDADE E DESEMPREGO	
Nelton Moreira Souza Eliete Barbosa de Brito Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63219231215	
CAPÍTULO 16	189
AS MULHERES NAS PRISÕES BRASILEIRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	
Ivaneide Nunes Paulino Grizente Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.63219231216	
CAPÍTULO 17	196
AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISES DO CAMPO CIENTÍFICO E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
Renato Ribeiro Daltro	
DOI 10.22533/at.ed.63219231217	
CAPÍTULO 18	201
PRÁTICAS SOCIOINFORMACIONAIS EM AMBIENTES DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS CRÍTICAS EM INFORMAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves Fellipe Sá Brasileiro Daniella Alves de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.63219231218	
SOBRE A ORGANIZADORA	218
ÍNDICE REMISSIVO	219

AS MULHERES NAS PRISÕES BRASILEIRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Data de aceite: 22/11/2019

Ivaneide Nunes Paulino Grizente
HCTE/UFRJ, neideufrj@hotmail.com

Regina Maria Macedo Costa Dantas
HCTE/UFRJ, regina@hcte.ufrj.br

RESUMO: O presente estudo, recorte de investigação de doutoramento, tem como Objetivo Geral, descrever as condições das mulheres nas prisões brasileiras, e discutir a sobrevivência das crianças que nascem nas prisões. A base inicial, é o elevado número de mulheres presas por tráfico de drogas, em consequência de seus relacionamentos amorosos. O estudo restrito a pesquisas bibliográficas apurou que as presidiárias são em grande maioria, jovens, negras e mães. Esta última, aponta para um problema grave – o futuro e condições psicossociais das crianças que nasceram enquanto suas mães estão presas. O estudo conclui que a condição de gênero não é levada em conta por ocasião da prisão, mesmo quando grávida. Chamamos atenção também para os danos causados às crianças que nasceram de mães presidiárias.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Penitenciárias. Tráfico de drogas.

1 | INTRODUÇÃO

Existe no Brasil atualmente, um cenário altamente preocupante: o índice de mulheres encarceradas, que de acordo com dados do Relatório de Informações Penitenciárias - INFOPEN, até o ano de 2016, 42.355 mulheres se encontram presas.

Isto significa 656% a mais em relação ao total registrado no início dos anos 2000, que apresentava números em torno de 6 mil. Esses dados, colocam o Brasil na terceira posição em relação a maior população carcerária feminina do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e Tailândia.

Ainda de acordo com o Relatório INFOPEN, as mulheres presas apresentam o seguinte perfil: são jovens, 62% são negras, 74% mães e 45%, apesar de privadas de liberdade, ainda estão sem julgamento. Analisando esse perfil, é possível perceber que o maior índice é o de mulheres com filhos, 74% dessas mulheres, são mães, e jovens, e isso implica dizer que existem um número alarmante de crianças cujas mães estão presas.

A partir desse cenário, tentaremos pensar o cotidiano de mulheres que se encontram

presas, o que fez emergir o objetivo geral desse estudo, que é descrever as condições das mulheres nas prisões. A partir de um estudo bibliográfico, discutiremos também, como nascem e (sobre) vivem as crianças que vêm ao mundo quando suas mães se encontram presas.

2 | AS CADEIAS DE MULHERES

O encarceramento feminino só se tornou realidade a partir da década de 1940, até então, a criminalidade não estava relacionada com as mulheres, e inicialmente, elas ocupavam os presídios masculinos. (FREITAS, 2013).

Porém, devido a diversos problemas encontrados com essa não separação, houve no Brasil, a previsão Legal para prisões femininas, por meio do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 que diz: *§ 2º As mulheres cumprem pena em estabelecimento especial, ou, à falta, em secção adequada de penitenciária ou prisão comum, ficando sujeitas a trabalho interno.*

Com isso, foi inaugurada a primeira penitenciária exclusiva para mulheres, que nasceu e permaneceu por mais de trinta anos, sob a gestão de um grupo religioso, a Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, que desenvolvia prioritariamente a prática do trabalho doméstico junto às detentas e reforçavam a divisão dos papéis sociais entre mulheres e homens, fortalecendo a *domesticação do regime de execução penal* (ARTUR, 2011).

Atualmente, o cenário das prisões femininas vem se modificando, e a grande maioria se encontra presa por envolvimento com o tráfico de drogas. Mas, é necessário lembrar que:

“A mulher traficante de drogas, assim identificada pelo sistema jurídico-normativo no momento de sua prisão, é também esposa, companheira, namorada, mãe e filha, e desempenha diferentes papéis sociais no seu cotidiano. (COSTA, 2008, p. 22).

Essas considerações nos levam em direção a Bauman (2005), ao percurso histórico da humanidade e as consequências dos pós modernidade sendo uma das principais, a construção da “Identidade líquida”, esta, para Bauman, se configura como “ a chave para o entendimento dessa questão passa pelo desejo de buscar um lugar suficientemente confortável, acolhedor e seguro, mesmo num mundo selvagem, imprevisível e ameaçador”

Essa vertente está relacionada com o pensamento de Lipovetsky (1994), quando defende que o consumismo desmedido se destaca cada vez mais na sociedade, porém, isto conduz a um quadro de isolamento e os indivíduos tendem a buscar refúgio numa fictícia felicidade paradoxal, proporcionada pelo consumo, que se torna

o vetor da economia, e o que seriam meros desejos, passam a ser necessidades, criando um cenário confuso e incerto.

As Identidades Líquidas, se inserem na perspectiva de uma sociedade consumista, muitas vezes somada a um quadro de desajustamento familiar, e isto talvez seja um dos fatores pelos quais, as mulheres se envolvem com o tráfico de drogas, ou, com homens criminosos.

[...] no universo das mulheres presas como traficantes, e as ações relacionadas às drogas nem sempre estão ligadas ao caráter mercadológico do tráfico, mas, são, na realidade, exercidas em nome das relações afetivas que essas mulheres estabelecem com os homens. (COSTA, 2008, p. 23).

A obra da autora, sugere que a grande maioria das mulheres presas, não traficaram drogas como um meio de sobrevivência, mas o fizeram como condição de manutenção de um relacionamento amoroso.

Isto significa que os fatores como desemprego ou pobreza extrema por si só não justificam essas práticas ilícitas das mulheres presas, mas a principal justificativa reside em questões subjetivas.

Entretanto, o viés de violência que permeia o tráfico de drogas favorece a criação de representações sociais de caráter pejorativo, representações estas, que atingem o imaginário dos indivíduos de forma que muitas vezes, não condiz com a realidade, sobretudo, porque a maior referência que se tem a esse respeito, é aquela proporcionada através da mídia e de filmes, visão esta, deturpada pelo caráter de dramaturgia que extrapola a realidade, pois esta é a função de um trabalho ficcional e de entretenimento.

Para o mundo lá fora, a gente tá morta, aqui é um túmulo, para as pessoas lá fora, a sociedade fala: preso, bicho! Mas aqui também ensina a gente a sair e ser diferente¹.

A fala da presidiária demonstra sua consciência sobre a forma pela qual a sociedade as percebem e em qual representação social elas estão inseridas, principalmente depois de conhecerem o mundo das prisões, tudo que envolve a condição de presa, e sobretudo o abandono.

[...]na penitenciária Madre Pelletier, em Porto Alegre, uma agente penitenciária simpática comanda o “tour-cadeia”. – E aqui fica o ninho de amor delas [...] é ali que recebem as visitas íntimas. A carcereira constrangida explica: - Sabe o que é? Quase ninguém usa isso aqui... os homens não vêm visitar. (QUEIROZ, 2017, p. 239).

Baseado no trecho acima, o abandono das mulheres presas fica evidente, e

¹ Trecho do documentário se eu não tivesse amor. Luciana dos Santos Tavares – Presa na penitenciária Talavera Bruce-RJ (10 anos de reclusão por tráfico de drogas).

o grande contrassenso é que, conforme já assinalado, as mulheres se encontram presas normalmente, em consequência dos envolvimento amorosos, e estes, literalmente as abandonam.

Para Varella (2017), existem duas diferenças básicas entre as cadeias masculinas e as femininas: a primeira: o tamanho das filas nos dias de visitas, pois nos presídios masculinos é possível observar as grandes filas que se formam, muitas vezes até desde o dia anterior. Já nos presídios femininos, as filas não existem, pois, as visitas são escassas, e quase nenhuma delas recebem visitas.

[...] A sociedade é capaz de encarar com alguma complacência a prisão de um parente homem, mas a da mulher envergonha a família inteira. Enquanto estiver preso, o homem contará com a visita de um mulher, seja a mãe, esposa namorada, prima ou vizinha, esteja ele num presídio de São Paulo ou a centenas de quilômetros. A mulher é esquecida. (VARELLA, 2017 p. 38).

Isso se deve ao fato de que, via de regra, a mulher ao ser presa, normalmente causa um impacto maior nas famílias, e muitas vezes os familiares a abandonam por vergonha, falta de recursos financeiros para chegarem até o presídio, e o principal motivo: os seus companheiros (as) normalmente são impedidos de irem a um presídio por terem antecedentes criminais, serem procurados, ou também se encontrarem presos.

Mas o fato é que “ a *gratidão eterna que os criminosos juram para suas amadas expira no exato instante em que elas cruzam os portões da cadeia, ainda que aliciadas por eles.* (VARELLA, 2017 p. 214).

Varela (2017, p. 50), afirma: Na penitenciária, se atendo uma mulher de 25 anos sem filhos, há duas possibilidades: é infértil ou gay.” A fala do autor configura uma realidade comum nas periferias das grandes metrópoles, onde gravidez na adolescência é uma realidade cruel que compromete seu futuro e a vida dos pais, uma vez que normalmente, ela abandona a escola para cuidar do filho, e os pais por sua vez, se veem com mais uma criança para sustentar.

Isto configura um *mix* de pobreza, ignorância, residências em condições inóspitas, alcoolismo, violência doméstica e exposição à marginalidade, cenário este, que se aliado a fraqueza de caráter, se consolida como campo apropriado para a aproximação do tráfico, envolvimento com ex-presidiários, (normalmente reincidentes) ou membro de facções criminosas.

Esse tipo de envolvimento via de regra, proporciona a estas mulheres, ajuda financeira, “proteção”, status social e a falsa esperança de uma vida melhor. No entanto, normalmente, o destino delas é a prisão e o abandono.

Queiroz (2017), relata que na Penitenciária Feminina de Guaíba- RS, não há trabalho ou Escola, o banho de sol, é de 1h 30 por dia, e no restante do tempo, as presas são expostas ao ócio. A disciplina é bastante rígida, e nas áreas internas,

elas só circulam algemadas.

No presídio de Guaíba, devido às normas rígidas, são comuns ocorrências de pânico, transtorno de ansiedade, depressão severa, e até surtos psicóticos.

Devido ao rigor aplicado às presas, a psicóloga do presídio atribui às presas o que denominou “institucionalização da pessoa”, que é quando o sentimento de pertencimento já está vinculado a cadeia, – *Elas incorporaram o aprisionamento como regra e não conseguem sair disso.*” (QUEIROZ, 2017, p. 176).

As mulheres são presidiárias, mas também são mulheres, e muitas, são mães, mas este, é um capítulo à parte nas prisões brasileiras, pois há relatos de presas que deram à luz algemadas na cama.

A mulher grávida, ao ser presa, não recebe tratamento diferenciado, e após o nascimento da criança, a mãe volta para a cela e a criança vai para o berçário, mãe e filho se encontram na hora de amamentar, e isso quando a agente se dispõe a conduzir a presa até o berçário. *Tinha só um polícia que me levava, que ele era bonzinho e levava eu. As guardas mulheres não deixavam e o homem que deixava, acredita? Mas não era todo dia não.* (Fala da presidiária Gardenia). (QUEIROZ, 2017. p. 77).

As condições sob as quais vivem essas mulheres presas e separadas dos seus filhos, e, por outro lado, como vivem essas crianças sem a presença da mãe, configura um contexto social específico e altamente preocupante para a sociedade.

Tais considerações nos levam em direção aos teóricos da Psicologia que defendem a presença da mãe como imprescindível para o desenvolvimento da criança, uma vez que a mãe é a base na formação do indivíduo, e as habilidades no traquejo social, familiar e psicológico da criança vêm da mãe.

A figura da mãe dentro do núcleo familiar é tão importante que chega a superar a figura paterna. Até os 3 anos de idade a criança se enxerga como uma extensão da mãe, somente após essa idade é que o pai ganha espaço na personalidade do filho.

Stella (2006), afirma que amargura da privação do vínculo materno pode ter diversas consequências, dentre as quais, a formação e desenvolvimento da saúde mental da criança, podendo comprometer a afetividade e os relacionamentos futuros desta. A autora aponta ainda como consequência dessa privação, possíveis comportamentos agressivos e delinquentes.

3 | CONCLUSÕES

O presente trabalho, tomou como premissa inicial, o significativo aumento do número de mulheres presas em consequência do tráfico de drogas, e a constatação de seus envolvimento com parceiros amorosos já envolvidos com o crime.

A pesquisa bibliográfica realizada, revelou que apesar de algum avanço, as

mulheres ao serem presas, não são objeto de qualquer ação ou diferenciação de gênero, inclusive, quando grávidas, não recebem qualquer tipo de distinção no tocante aos procedimentos que envolvem o ato da prisão.

O estudo conclui ainda que a grande parte dos presídios femininos ainda são alheios às condições específicas que a condição de gênero supõe às mulheres, como por exemplo, houve relato de mulheres que permaneceram algemadas por ocasião do parto. Além disso, em alguns presídios, são separadas de seus filhos, só mantendo contato quando da amamentação.

Porém, o mais grave, é que, ao completar seis meses de idade, a criança é separada da mãe, sendo conduzida aos cuidados de um familiar, quando é o caso, ou oferecida para adoção.

Portanto, o que se chama a atenção aqui, é para o futuro dessas crianças, e para a urgência de políticas públicas, no sentido de minimizar os danos causados pela história de vida da mãe, e sobretudo, políticas públicas sociais que visem dirimir as consequências psicológicas de uma separação da mãe, em momento crucial de sua vida.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Carlos. Carcere e Sociedade na America Latina. IN: **História das prisões no Brasil Volume 1** – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

_____, Zygmunt. **Identidade entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiro. Rio de Janeiro. Zahar, 2005

BRASIL, Ministério da Justiça. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN** – junho de 2016

BRETAS, M.L. O que os olhos não vemm: história das prisões no Rio de Janeiro. In: **História das prisões no Brasil Volume 1** – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2017

COSTA, E.C.P. **As teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas**. 2 ed.rev. e ampl. – Maceió: EDUFAL, 2008.

LIPOVETSKY, G. La era del Vacio: ensayos sobre el individualismo contemporâneo. 7ª ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 1994.

MAIA, C.N. [et al]. **História das prisões no Brasil Volume 1** – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2017.

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam**. – 7ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2017.

STELLA, Cláudia. **Filhos de mulheres presas: soluções e impasses para seus desenvolvimentos**. São Paulo: LCTE Editora, 2006. 117p.

VARELLA, Dráuzio. **Prisioneiras**.- 1ª ed. – São Paulo: Companhia da Letras, 2017.

VÍDEOS

CHAVES, Geysa. Se eu não tivesse amor - documentário 2008/2009-RJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TF8S5oGkL-c>. Acesso em 13 out 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

Maria Izabel Machado - Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e Trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia. Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e também com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas. Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio. Atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), participando como pesquisadora do grupo Mutamba (UFG) e do Núcleo de Estudos de Gênero (UFPR). Nesta instituição ainda desenvolve projeto de extensão interdisciplinar a partir da imbricação educação, sociedade e cultura. Contato: mariaizabelmachado@ufg.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 24, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 183

Associativismo 67, 87, 90

B

Biografias 137, 149, 150

Brincar 16, 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 60, 65

C

Candomblé 34, 37, 38, 39, 40, 41

Ciência e tecnologia 122, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 145, 147, 148, 150, 216

Conservadorismo 163, 173

Crianças ribeirinhas 12, 14, 16, 19, 56, 58, 59, 60, 61, 63

Cultura 2, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 49, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 80, 94, 108, 111, 115, 124, 132, 157, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 173, 197, 200, 217, 218

D

Desastres ambientais 79, 80

Desemprego 175, 176, 177, 180, 185, 186, 191

Desenvolvimento 11, 23, 24, 32, 44, 56, 63, 64, 70, 78, 88, 90, 110, 113, 119, 121, 126, 128, 134, 135, 136, 137, 140, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 187, 193, 200, 204, 205, 213, 214, 215

E

Enem 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133

Ensino de sociologia 118, 125, 132

Escrita 41, 56, 60, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 208

Espaço urbano 43, 44, 45

Estigma 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 169, 209

F

Familismo 166

G

Gênero 30, 38, 43, 106, 112, 113, 131, 133, 138, 152, 163, 185, 189, 194, 201, 202, 203, 205, 208, 215, 217, 218

Gestão de desastres 67, 76

H

Habitus 94, 95, 102, 200, 204

I

Infância 12, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 41, 42, 43, 44, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 154, 199

M

Migrações 105

Mineradoras 80, 88

P

Poder público 13, 14, 20, 67, 70, 71, 75, 82, 90

Poesia 59, 152, 153, 162

Políticas públicas 11, 20, 63, 67, 79, 80, 90, 132, 133, 134, 135, 194

Precarização 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187

Privação de liberdade 92, 93, 94, 97, 102, 103

Prosopografia 134, 135, 137, 149

R

Racismo 34, 35, 36, 107, 113, 207, 208

Representações 1, 2, 3, 5, 10, 11, 25, 26, 29, 61, 125, 191

Ribeirinhos 13, 17, 21, 80, 89

Rural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 21, 139, 143, 166, 170

S

Saber local 67, 73, 75, 78, 91

Segregação 36, 218

Subversão 23, 28, 31

T

Terapia ocupacional 23, 24, 26, 31, 32, 33

Trabalho 1, 4, 10, 11, 12, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 43, 44, 48, 54, 63, 67, 79, 81, 92, 93, 94, 102, 105, 107, 110, 114, 115, 120, 126, 130, 136, 153, 158, 159, 164, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 196, 200, 201, 212, 213, 214, 218

Transporte escolar 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Transporte público 43, 52, 53

U

Urbano 1, 2, 4, 5, 7, 10, 11, 43, 44, 45, 52, 70, 78, 170, 171, 179

V

Vulnerabilidade social 23, 25, 31

